

Conquistas e desafios do agronegócio brasileiro

Antônio Salazar P. Brandão¹

O conjunto de projeções apresentado neste número da *Revista de Política Agrícola* reflete o dinamismo de segmentos importantes do agronegócio brasileiro, com destaques para soja, açúcar, álcool, carnes e milho. Segundo o estudo, a produção vai crescer a taxas significativas, e o Brasil manterá ou ampliará sua participação nas exportações desses produtos.

O cenário desenhado pelas projeções é realista. O agronegócio brasileiro apresenta elevados níveis de eficiência, obtidos por meio de investimentos em tecnologia de produção, como os avanços em genéticas vegetal e animal e adaptação de espécies. Contribuíram de forma importante também os investimentos em modernização gerencial e organizacional.

Os segmentos de fruticultura e de produção florestal não foram contemplados no estudo. A fruticultura vem apresentando grande dinamismo nos últimos anos, e as possibilidades de crescimento tanto do mercado interno quanto do externo são muito grandes. O suco de laranja, principalmente por sua participação nas exportações, ainda é o protagonista dessa transformação, mas há uma nítida tendência para a diversificação. A modernização dos processos de produção que está em curso e o conseqüente aumento de produtividade, aliados à melhoria dos padrões sanitários, garantirão uma expansão significativa do segmento, impulsionando o mercado interno e levando o Brasil a se transformar em grande exportador de uma pauta diversificada de frutas tropicais e de produtos derivados.

A indústria de base florestal apresenta um dos maiores crescimentos do setor. As empresas brasileiras detêm uma tecnologia invejável para plantio de florestas, exibem elevadíssima produtividade, são grandes exportadoras e encontram-se entre as maiores do mundo no setor de celulose e papel. O mercado de madeira vem crescendo em ritmo intenso, e essa tendência é de continuidade.

Em síntese, podemos dizer que o dinamismo do setor deverá ser mantido nos próximos anos. Entretanto, reitero que o uso de novas tecnologias foi fator preponderante para permitir que os ganhos de produtividade no Brasil dessem ao País a posição competitiva que ele hoje ocupa.

Pela diversidade de etapas e de agentes envolvidos, a adoção de novas tecnologias apresenta grande complexidade. De maneira simplificada, podemos dizer que é necessário que as tecnologias estejam disponíveis e que existam interessados em implementá-las.

A implantação de novas tecnologias requer, invariavelmente, a realização de investimentos. Frequentemente, tais investimentos têm longos períodos de maturação e, portanto, sua materialização somente ocorrerá se o ambiente econômico for propício. O custo do dinheiro, representado pela taxa de juros, é apenas um dos elementos que contribuem para a materialização desse ambiente favorável. Um outro elemento de importância fundamental é a expectativa, pelo investidor, de que os ganhos resultantes serão apropriados por ele.

¹ Professor de Economia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

Em relação a esse aspecto, há alguns sinais negativos, e eu gostaria de mencionar dois. O primeiro é a crescente agressividade do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e de seus associados. Suas ações começaram a se intensificar no governo passado, havendo uma escalada ainda maior nos últimos anos, o que culminou, em março deste ano, com a trágica invasão dos laboratórios da Aracruz Celulose no Rio Grande do Sul. Esse evento sinaliza, ao mesmo tempo, o desrespeito pelo direito de propriedade e a negação de que ciência e tecnologia sejam instrumentos de desenvolvimento do agronegócio brasileiro.

O segundo elemento a ser mencionado é a questão ambiental. É importante observar que uma convivência harmoniosa entre agropecuária e respeito ao meio ambiente e às leis ambientais do País é essencial para a própria sustentabilidade dessas atividades. Alguns grupos de ambientalistas, entretanto, vêm fomentando noções equivocadas e tomando iniciativas, às vezes violentas, contra os segmentos mais dinâmicos da agropecuária brasileira, em particular o complexo soja e a indústria de base florestal. Em relação à soja, ambientalistas radicais têm consistentemente argumentado que a expansão recente no Centro-Oeste provocou desmatamento, violando leis ambientais brasileiras.

Nenhum dos dois argumentos é correto, conforme mostraram Brandão, Rezende e Marques². Os autores concluíram que a principal fonte para a expansão recente dessa cultura no Centro-Oeste foi a conversão de pastagens degradadas, o que produziu um ciclo favorável de aumento de fertilidade do solo, beneficiando o sojicultor e posteriormente o pecuarista.

O plantio de eucaliptos pela indústria de base florestal, da mesma forma, é alvo de freqüentes manifestações, fundamentadas em preconceitos que associam o plantio dessas florestas ao ressecamento do solo e à eliminação da biodiversidade. Inúmeros experimentos científicos desenvolvidos em universidades brasileiras, em universidades de outros países e em parcerias entre empresas e universidades demonstram a falaciosidade dessas afirmações em relação a plantios feitos segundo recomendações técnicas.

Esses exemplos têm por objetivo ilustrar alguns dos riscos à manutenção do dinamismo do agronegócio brasileiro nos próximos anos. A sociedade brasileira, que hoje é essencialmente urbana, precisa ficar mais bem informada sobre esse processo de crescimento e seus benefícios para o País, que podem ser resumidos em geração de renda, de divisas externas e em criação de empregos tanto no setor rural quanto no setor urbano.

² BRANDÃO, Antônio Salazar P.; REZENDE, Gervásio Castro de; MARQUES, Roberta Wanderley da Costa. Crescimento agrícola no Brasil no período 1999-2004: explosão da soja e da pecuária bovina e seu impacto sobre o meio ambiente. Rio de Janeiro: IPEA, 2005. (Texto para Discussão 1103).